

UC Berkeley

Lucero

Title

A dimensão da alteridade em Os Lusíadas

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/2bs324kv>

Journal

Lucero, 12(3)

ISSN

1098-2892

Author

Puga, Rogério

Publication Date

2001

Copyright Information

Copyright 2001 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed

A

dimensão da alteridade em *Os Lusíadas*.

ARTICLE

Rogério PUGA
Universidade Nova de Lisboa

Imagens: Tamara Callejas
Grigore Pop-Eleches

"(...) Eram sílabas recém-desabrochadas batidas pelo vento / cheiravam ao sul e ao perfume das terras / por achar. (...) Verso a verso / desfraldadas aprendiam a dizer / as coisas nunca antes nomeadas."

Manuel Alegre, "8", in *Com que Pena: Vinte Poemas para Camões*, 1992, p. 23.¹

A partir do século XV, a Europa confronta-se, de forma mais sistemática, com diversos olhares de navegadores-escritores que se cruzam com outros povos e respectivos costumes, emergindo, assim, o fenómeno do exotismo antropológico-literário, pela mão, sobretudo, dos portugueses.² Na segunda metade do século XVI, num Portugal "grávido"³ de uma epopeia que cantasse os seus feitos marítimos, Luís Vaz de Camões publica *Os Lusíadas* (1572), poema onde estão presentes retratos de culturas Outras, que a frota de Vasco da Gama encontra, rumando em direcção à "Aurora" (I, 14),⁴ ou seja, ao continente asiático. Muitos dos temas e das formas intimamente relacionadas com o exotismo desenvolvem-se e intensificam-se, de forma sistemática, sobretudo na Época Moderna, com a Expansão e os Descobrimentos Ibéricos. A partir

dos séculos XV-XVI a representação do Outro vai sofrendo alterações à medida que se fazem novas descobertas e se disseminam ou assimilam conhecimentos e se desmistificam e racionalizam realidades diversas. O jamais vu torna-se progressivamente déjà vu.

No século dos encontros civilizacionais por excelência, Portugal era visionado como uma "nação pluricontinental"⁵, plataforma onde se cruzam produtos, embarcações e povos dos alegres trópicos. A "fome de epopeia" que se fazia sentir no Portugal renascentista associa-se também à sede do exótico. O próprio Camões viajara pelo Norte de África (1545) e pelo Oriente na década de 50, glorificando a comunidade lusíada quer com as armas quer com as letras.

As descobertas ibéricas alargam horizontes não só espaço-temporais, bem como socio-culturais. Os mares e visões de povos Outros, estimulam uma pluralidade de sentidos que é necessário saciar, através da representação e familiarização do Outro. A descrição enquanto mimesis torna-se um dos modos de o fazer por excelência, e Camões fá-lo não só na sua epopeia mas também em diversos outros poemas, como por exemplo nas *Endechas à exótica Bárbara*

escrava, na Canção VI, e em diversos sonetos dedicados à chinesa Dinamede.

Em relação ao termo exotismo, poderemos defini-lo como representação do Outro civilizacional, bem como da sua singularidade.⁶ Como o próprio prefixo do termo indica, o exotismo, como discurso sobre a alteridade, implica um movimento do olhar e dos demais sentidos para fora do Eu cultural ocidental, movimento esse constante em *Os Lusíadas*. Para além do interesse do antropólogo perante o exotismo, podemos referir ainda o do “exota” que, tal como afirma Victor Segalen em *Essai sur L’ exotisme* (1978), se inspira e procura o “*plaisir de sentir le divers*” (p. 30), desejo este expresso diversas vezes em *Os Lusíadas*, por exemplo na estrofe 26 do canto V: “[A gente lusa parte] / (...) De ver cousas estranhas desejosa, / Da terra que outro povo não pisou. (...)”. A “estética do diverso” apela, portanto, a um imaginário policromático e atraente para escritores, com base num saber multicultural progressivamente acumulado e modificado nem que por sentimentos e tópicos maneiristas como é o caso do “bicho da terra”, presente ao longo de toda a epopeia.

A visão do alter mundus leva o Eu, neste caso português, a consciencializar-se de que é também Outro no seio de um processo de “leitura” interactiva. O exotismo, enquanto metáfora representativa do encontro de diversas esferas civilizacionais, apresenta-se, nesta obra, como uma questão de identidade, de pertença socio-cultural; e também como uma questão ontológica e gnoseológica. Fenómeno este intimamente relacionado com a atitude do Eu para com o Outro, como o provam os estereótipos e topoi que surgem da descrição da “realidade” que se apresenta mutante aos olhos do narrador ou observador-externo de *Os Lusíadas*, embebido do furor heroicus (I, 32) que o levará além do Cabo Bojador, para longe do ambiente familiar (IX, 16).

Em diversos capítulos da epopeia, os navegadores portugueses relatam aos nativos episódios da História de Portugal, descrevendo a geografia da Europa, descrições estas que despertam no Outro uma enorme curiosidade e vontade de saber. Trata-se, então, de um jogo de espelhos, cujos reflexos mútuos veiculam uma noção de exótico de parte a parte, pois também nós somos seres exóticos, com aspecto e costumes estranhos aos olhos do Rei de Melinde, que usufrui igualmente de sensibilidade exótica, ética e estética. A focalização exótica e a visão do Outro

relacionam-se, assim, com o ponto de vista de quem descreve e opina, cujas expectativas e interesses são determinantes para a construção dessas imagens que se apresentam tão diversas como os destinos e os interesses dos Europeus. A descoberta da alteridade dá, portanto, lugar à construção de alternativas, reais ou imaginárias de que *Os Lusíadas* são um exemplo.

É a distância, também cantada pelo Velho do Restelo e Vasco da Gama, e chorada por mães, esposas e viúvas em Belém, que dá origem à sensação de “exótico”, quando da descrição de locais, seres, costumes e hábitos raros; pouco conhecidos do leitor. Este mesmo jogo dialéctico dará inevitavelmente lugar a julgamentos axiológicos e, conseqüentemente, à analogia e à comparação, quer por aproximação/semelhança quer por distanciação/dissemelhança, como podemos verificar no relato de Álvaro Velho da Viagem de Vasco da Gama à Índia, dando também lugar à sátira do Eu, supostamente civilizado, através do Outro inocente e até bárbaro, como acontece, por exemplo, no início do canto VI, quando da crítica aos cristãos que fazem guerra entre si, ao invés de combaterem o Muçulmano inimigo (VI, 3-9).

A descoberta empírica da diferença do Outro, sendo multidimensional e fruto de contemplação emotiva, é algo difícil de se conseguir de uma forma objectiva. Todorov denomina “*exotopie*” este processo de descoberta que é “*affirmation de l’ exteriorité de l’ autre qui va de pair avec sa reconnaissance en tant que sujet.*” (*La Conquête de l’ Amérique*, 1982, p. 254). Este mesmo processo será uma das etapas da construção do futuro Quinto Império, pelas mãos dos portugueses (I, 24). O tópico dos modernos versus antigos adquire um novo simbolismo se for analisado também à luz do exotismo antropológico e literário, resultante dos Descobrimientos ibéricos; fenómeno este que derruba antigas certezas e instaura novas dúvidas.

A viagem, real ou imaginária, mas sempre simbólica, vai-se construindo, gradualmente, em torno de mitos e representações, por vezes hiperbólicas, de tempos, lugares e personagens em constante movimento, no seio das quais o navegador Português se torna primus inventor (I, 3). A noção de exotismo funde-se, assim, com a **experiência** humana, ou seja “o saber de experiência feito” (IV, 94) que a viagem geográfica e imaginativa proporciona, espelhando a imagem de contrastes que cada civilização faz das outras,

não fossem “tantos os climas e céus experimentados” (I, 29).

Os *Lusíadas* dão, assim, conta do impacto cultural e psicológico do encontro com o Outro, e deste facto advém muita da originalidade do poema. Tal efeito é conseguido a partir da elaboração do “guião” descritivo dos primeiros encontros entre vários povos mutuamente exóticos, ao longo dos quais vão sendo respondidas inúmeras questões. A par da oposição política, social, humana e da natureza, os argonautas lusos enfrentam ainda a oposição dos povos autóctones incitados por Baco, personagem que tira partido do exótico, ou seja, da estranheza mútua entre os portugueses e os nativos, para levar a cabo o seu projecto.

Apesar de todos os perigos⁷ a enfrentar, a frota de Vasco da Gama parte da “Ocidental praia Lusitana / Por mares nunca antes navegados / Passa(ndo) ainda além da Taprobana (...) entre gente remota.” (I, 1). A proposição do poema remete, desde logo, para a novidade nunca antes encontrada. A representação do Outro, ainda que muitas vezes indirectamente, continua presente ao longo de todo o poema, sendo a religião uma das categorias que afasta as “terras viciosas” (I, 2) do Eu europeu, ou como diz o próprio narrador, da “pequena Cristandade” (I, 6). Torna-se, portanto, necessário eliminar ou esbater essa mesma diferença. Um dos tópicos recorrentes da epopeia é o desdém pela religião-Outra (I, 8), facto este presente nos diversos epítetos que o narrador confere ao Muçulmano.⁸ Perante a ausência de normas cristãs por parte dos diversos povos autóctones, o Português irá “civilizar” o Outro: “E por eles, de tudo, enfim, senhores, / Serão dadas na Terra leis milhores” (II, 46). Acultura-se, portanto, o nativo como fica demonstrado na alusão de Tétis ao trabalho de evangelização de S. Tomé no Oriente (X, 108-110).

O exotismo funde-se também com o maravilhoso, sendo estes termos, por vezes, sinonimos e marcas da tentativa de desbravar e domesticar o desconhecido. O exótico encontra-se igualmente ao serviço da descrição da esfera do maravilhoso pagão, uma vez que os tronos do Olimpo são “de ouro e de perlas” (I, 23). O sujeito épico recorre, assim, ao estranhamento e à beleza de um quadro exótico para criar um ambiente menos familiar na morada dos deuses. O exotismo torna-se, ainda, macabro aquando da referência aos habitantes de Pegu “monstros filhos do feio ajuntamento / De hua mulher e um cão, que sós se

acharam” (X, 122).

Durante a descrição da viagem de Vasco da Gama são enumerados os locais costeiros por onde a frota passa o olhar, sendo que na estrofe 42 do primeiro canto, a acção regressa à esfera do humano, aos mares relativamente misteriosos que marcam o início do desconhecido e também da narrativa da navegação: as “novas ilhas” (I, 43). Da estrofe 45 à estrofe 55 estão claramente expressos os três graus de conhecimento e comunicação inicial com o Outro civilizacional: o plano visual do geral para o particular; o plano da comunicação gestual e o plano verbal que, na maioria das situações, encontra enormes obstáculos. A forma como a apreensão e a descrição do Outro são realizadas nesta obra toma várias formas, pois o ser exótico poderá ser apenas um (anti) reflexo da cultura ocidental ou o reflexo de uma alter-cultura. No início da viagem através do desconhecido, Gama, ao aproximar-se de terra, supõe que esta é inabitada, o que não se verifica, pois logo aparecem à vista as embarcações dos nativos de Moçambique, que são descritas como “batéis”, ou seja, embarcações europeias. Na estrofe 45 encontramos, assim, expresso o pensamento ou método analógico,⁹ que perpassa todas as descrições de microcosmos Outros. O espanto mútuo marca presença, dando origem a questões que se tornam tópicos presentes nas mais diversas descrições e tratados sobre “novos mundos”¹⁰, tais como os costumes, a lei e o governo dos nativos. Perante o encontro multicultural, a descrição toma, então, o lugar da narração, emergindo do texto o exotismo antropológico, no qual o exótico se apresenta como performance, e não apenas como estética, filtrado pelo olhar e estrutura mental do narrador do século XVI:

“A gente da **cor** era verdadeira
Que Faeton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado e não prudente.” (...)

De panos de algodão vinham **vestidos**,
De **várias cores**, brancos e listrados; (...)
Das cintas pera cima vem **despidos**;
Por **armas** tem adagas e terçados;
Com toucas na cabeça; e, navegando,
Anafis **sonorosos** vão tocando.

(...) Cos panos e cos braços acenavam
As gentes Lusitanas, que esperassem; (...)

Não eram ancorados quando a **gente**
Estranha polas cordas já subia. (...)

Comendo alegremente, perguntavam,
Pela Árábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que **partes do mar** corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
“Os Portugueses somos do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente.

(...) **Diversos céus e terras** temos visto. (...)

E, por mandado seu (Rei), buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega;
Por ele o **mar remoto** navegamos,
Que só dos feios focas se navega. (...)
Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais.”

“Somos (um dos das Ilhas tornou)
Estrangeiros na terra, Lei e nação; (...)
Nós temos a Lei certa que insinua
O claro descendente de Abraão, (...). (I, 46-53,
negrito nosso)

Ao longo das oito estrofes que acabámos de citar, encontra-se presente o diálogo civilizacional que transmite a reciprocidade pacífica inicial entre portugueses e africanos que, mais tarde, deixará de existir (I, 69). Em relação à representação do Outro, que o narrador espelha através de vívidas e imaginativas imagens, a tez escura da pele do nativo é explicada através do episódio mítico de Faéton.¹¹

Após o primeiro olhar, estranha-se o vestuário de exóticas cores, a semi-nudez e as sonoridades que envolvem todo este quadro marcado pelo ponto de vista europeu, que descreve o movimento e o entusiasmo dos nativos perante o aparecimento dos portugueses. O vinho acompanha o convívio fraterno descrito através do advérbio de modo “alegremente” (I, 50), e as perguntas acabam por surgir, dando lugar a distinções civilizacionais nítidas por parte dos portugueses que se dizem “ocidentais”, rumo ao Oriente. A língua é um dos obstáculos à comunicação inter-civilizacional, pelo que, quando o intérprete da nau não conhece uma nova língua, recorre-se aos gestos e a um certo protocolo / ritual (I, 56; 61), bem como a outros códigos extra-linguísticos.¹² Encontramos, por essa razão, na estrofe 45 do canto sétimo, uma referência à Torre de Babel.

Os portugueses saciam a curiosidade dos moçambicanos dizendo-lhes que têm visto

“**diversos céus e terras**” (I, 51, negrito nosso), expressão esta que veicula a mensagem transmitida na expressão “estética do diverso”.¹³ Toda essa diversidade e novidade continuam a marcar presença até ao final da obra, inclusive na Ilha dos Amores, como veremos adiante.

As diversas temáticas e metáforas do exotismo funcionam, portanto, como significantes flutuantes (cf. J. Lacan) que veiculam sentimentos, bem como sensações. Os elementos Outros descritos em *Os Lusíadas* são adereços do exotismo enquanto espectáculo, onde se fundem diversos marcadores simbólicos e metáforas do desejo de uma apreensão total por parte do Eu-espectador. Como traços e signos da estética da alteridade poderemos listar a panóplia de nomes próprios, toponimos (VI, 35; X, 7-74), epítetos, especiarias (IX, 14), pedras preciosas e referências a sons da língua autóctone bem como outros indicadores qualitativos que transportam o leitor para um universo semântico diferente do seu, onde imperam vestes, traços faciais, gestos, objectos, comidas,¹⁴ vícios e topoi diversos. Todos estes elementos, conjuntamente com outros que aqui não poderemos inventariar, vão-se acumulando à medida que os portugueses “novos mundos ao mundo irão mostrando” (II, 45), e seriam alvo de um interessante trabalho de aproximação de estrofes, temáticas e diferentes episódios presentes na obra.

Todos estes temas e figuras simbólicas se constroem e utilizam recursivamente, auxiliando a interpretação do leitor, indo, por vezes, de encontro ao seu “horizonte de expectativa” (cf. Iser, *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*). O Outro é então des-coberto através da ordenação de um mundo semi-encontrado que exige recursos estilísticos e uma linguagem própria para o espelhar. A escrita, enquanto imagem gráfico-simbólica, serve também para ordenar o pensamento e dar lugar a um conhecimento mais profundo de mares, gentes e costumes, e, inclusive, de nós mesmos.

O campo semântico até à estrofe 61 do canto I é, então, o da estranheza, do remoto e o da novidade:

“Por acharem, da terra tão **remota**,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida e nota
Na **gente** e na **maneira desusada**, (...)

(...) Notando o **estrangeiro modo e uso**
E a **linguagem tão bárbara e enleada**.
Também o Mouro astuto está **confuso**,
Olhando a cor, o traje e a forte armada; (...). (I, 57-
62, negrito nosso).

Quer a frota quer as armas dos portugueses impressionam o mouro ambicioso que, tal como a “Lusitana gente” sente o impacto da novidade extrema. Também os japoneses deixaram bem patente essa mesma admiração perante o primeiro confronto de olhares luso-nipónicos, através da arte namban. Troca de olhares esta possibilitada pela viagem de Vasco da Gama.

Estamos, portanto, perante um choque não só cultural mas também político e económico, facto este que se torna evidente na quarta estrofe do segundo canto, onde são enumeradas as especiarias e outras matérias cobiçadas pelos portugueses, tornando-se o exótico sinónimo de materialismo, daí que “Fortalezas, cidades e altos muros/Por eles vereis (...) edificadas” (II, 46).

A frota chega finalmente a Mombaça, e mais uma vez os cinco sentidos são exacerbados pela percepção do exótico: “Os cheiros excelentes, produzidos / Na Pancaia odorífera, (...). (II, 12). Em Melinde, o rei oferece aos portugueses “galinhas domésticas cevadas, / Com as frutas que antam na terra havia” (II, 76), visitando a armada portuguesa.

Viam-se em derredor ferver as praias,
Da gente, que a **ver** só concorre leda;
Luzem de **fina púrpura as cabaia**s,
Lustram os panos da tecida **seda**.
Em lugar de guerreiras azagaias
E do arco que nos cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

Um batel grande e largo, que toldado
Vinha de sedas de **diversas cores**,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado (...)
Vem de ricos vestidos **adornado**,
Segundo seus costumes e primores;
Na cabeça hua fota guarnecida
De ouro, e de seda e de algodão tecida.

Cabaia de Damasco rico e dino,
Da Tíria cor, entre **eles** estimada;
Um colar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a matéria da obra é superada,
Cum resplendor reluze adamantino;
Na cinta a rica adaga, bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

(...) Música traz na proa, **estranha e leda**,
De **áspero som, horrisono ao ouvido**,
De trombetas arcadas em redondo,

Que, sem concerto, fazem **rudo estrondo**.

Não menos guarnecido, o Lusitano (...)
A receber no mar o Milindano, (...)
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Francesa era a roupa que vestia,
De cetim da Adriática Veneza,
Carmesi, cor que **aquela gente** tanto preza.

(...)E a maneira do traje diferente. (...).

(...) **Sonorosas trombetas incitavam**,
Os **ânimos alegres**, ressoando;
(...) **Tapam com as mãos os Mouros os ouvidos**.

(...) Cuas mostras de **espanto e admiração**,
O Mouro o gesto e o modo notava,
Como quem me mui grande estima tinha
Gente que de tão **longe** à Índia vinha. (II, 93-101,
negrito nosso)

Na sequência de estrofes que acabámos de citar temos presente diferentes sistemas de comunicação e apreensão do Outro. O europeu descreve a alteridade que se lhe depara: as cabaia, as sedas e as palmeiras que na Europa coroam os vencedores. São ainda descritos os costumes e os gostos deste povo Outro, comparando e contrastando o narrador o vestuário do Rei à indumentária europeia de Gama. Confrontam-se olhares, hábitos e percepções.

A imagem da pacífica chegada dos portugueses é minuciosamente espelhada, sendo que quanto à música “estranha e leda”, o europeu não possui referentes de comparação, pois o “rudo estrondo” e “o áspero som” (II, 96) são novidade. No entanto, os canhões das naus portuguesas têm efeito semelhante no seio dos “Mouros” (II, 100). As questões levantadas e a curiosidade são recíprocas. O Rei de Melinde pede a Vasco da Gama que lhe descreva a sua terra, o seu clima e a região, decerto exóticas para qualquer africano. O capitão narra, no canto III, os feitos heróicos dos portugueses e os contactos bélicos que a sua nação mantém com a “Maura gente”, palavras, decerto, exóticas aos ouvidos do Rei. O navegador descreve, nas estrofes 68 e 69, o exótico sonho de D. Manuel em que dialogam os rios Ganges e Indo:

Aves agrestes, feras e alimárias
Pelo monte selvático habitavam;
Mil árvores silvestres e ervas várias (...).
Perante tais exóticas visões, D. Manuel ordena que
Vá a gente que mandar cortando os mares,
A buscar **novos** climas, **novos** ares. (III, 70, 76, negrito
nosso)

A demanda do exótico obra-se também por vontade régia, sendo a síntese das viagens feita através do tópico do primus inventor:

Assi fomos abrindo aqueles mares,
Que geração alguma não abriu,
As novas Ilhas vendo e os novos ares (...). (V, 4)

Breves registos etnográficos acompanham o olhar e o movimento dos navegadores portugueses, espantados diante das “novas maravilhas” (V, 8) que mais tarde dão a conhecer ao mundo. O exótico aqui representado não é apenas estético, mas sim algo que se testemunhou e viveu, como demonstra a expressão “vi, claramente visto” (V, 18), facto este que afasta e sublima os feitos aqui narrados dos feitos épicos dos antigos.

Na África Austral a frota de Gama volta a encontrar nativos “estranhos” de cor negra:

Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo. (...) ¹⁵

Mas, logo ao outro dia, seus parceiros,
Todos nus e da cor da escura treva, (...). (V, 27-30)

É no ambiente descrito ao longo das estrofes anteriormente citadas que se desenrola o cómico episódio de Fernão Veloso, que, tal como o encontro com o Adamastor, ¹⁶ simboliza o perigo do exótico e a dificuldade de compreensão indicada através de sensações visuais e auditivas. O observador torna-se também o Outro-observado. O monstro Adamastor poderá ser, então, interpretado, até certo ponto, como personificação do exótico ecológico, bem como da situação extrema dos navegadores portugueses “por céus não naturais, de qualidade / Inimiga de nossa humanidade.” (V, 70). Podemos então verificar que o exótico é igualmente um dos recursos utilizados para exaltar e reforçar os perigos que os portugueses enfrentaram durante a viagem.

Após o espanto do “achamento” de povos que já sabiam navegar (V, 75), é descrito o modo como os “etíopes” se vestem, falam e navegam, por oposição aos povos brancos “da cor do dia” (V, 77). São também referidos seres que vivem só de cheirar flores, bem como enumerados diversos povos da Índia. Todas estas informações são veiculadas por um povo que “se mais mundo houvera, lá chegara” (VI, 14).

Após diversos encontros e perigos, Gama

chega finalmente a Calecute; à exótica terra desejada (VI, 93), a “terra de riquezas abundante!” (VII, 1).

Na estrofe 23 do canto sétimo temos, então, o primeiro contacto entre portugueses e nativos indianos, povos “remotos e apartados” (VII, 30). É-nos, então, apresentada, em forma de síntese, não apenas a Índia mas todo o continente asiático:

Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheira suave, ardente especiaria. (...) (VII, 31)

O nu é também, tal como no Brasil, uma das categorias antropológicas que distingue o Outro do Eu (VII, 37), assim como o sistema de castas e os sistemas matrimoniais, sendo a Índia descrita como uma síntese recolectiva de todos os atributos e interesses económicos que os demais países asiáticos oferecem ao colonizador europeu: “A terra é grossa em trato, em tudo aquilo / Que as ondas podem dar, da China ao Nilo” (VII, 41).

Quanto à religião dos Reinos Gangéticos (VIII, 78), temos na écfrasis das estrofes 47 à 53, uma descrição da “supersticiosa adoração” (VII, 49) dos “gentios” recém encontrados: “Os cristãos olhos, a ver Deus usados / Em forma humana, estão maravilhados.” (VII, 47). Mais uma vez, o olhar, sentido através do qual a alteridade é apreendida, é apresentado ao leitor como veículo da estética do diverso. A poética do olhar, tal como na obra lírica de Camões, encontra-se presente na epopeia camoniana. É através do olhar que Gama comunica-se inicialmente com o samorim e os povos locais, para quem os navegadores lusos eram “gente nova, e (...), estranha” (VII, 67). Instaura-se e desenvolve-se, então, um interessante diálogo intercultural. Faça-se após a qual os navegadores recebem o merecido prémio: a estada na Ilha dos Amores, onde o erotismo, rimando, se funde com algum exotismo numa posição geográfica incerta; tópico este recorrente nas utopias de Thomas More (Utopia) e Francis Bacon (New Atlantis), como em muitas outras. A ilha enquanto microcosmos apresenta-se como um ambiente europeu e familiar, para que os argonautas “lusos” se possam sentir em casa e não ainda num ambiente longínquo, no qual têm de permanecer alerta permanentemente. No entanto, a luxúria usufruída na ilha é comparada ao luxo faraónico do Egipto (X, 3), no qual a sensualidade e o exótico são uma constante. Temas estes personificados na figura de Cleópatra (II, 53; VI, 2).

Nesta mesma ilha, Gama descobrirá novos mundos exóticos, através da máquina do mundo e das profecias de Tétis. Esta última informa Gama que Portugal "fará descobrir remotas Ilhas, / Que dão ao mundo novas maravilhas." (X, 52), e "Várias nações, que mandam vários Reis, / Vários costumes seus e várias leis." (X, 91). Nações estas que Tétis enumera e descreve sumariamente, apresentando breves notas etnográficas, focando temas como a antropofagia, que é temática recorrente na literatura portuguesa seiscentista sobre o Brasil. O saber livresco associa-se, então, ao saber de experiência feito. No entanto, parte do mundo fica ainda por desvendar, pelo que muito da exótica e misteriosa faceta da navegação portuguesa permanece encoberta no final da epopeia, pois se muito se descobriu, muito mais haverá, entretanto, para desvendar.

Devido aos acontecimentos recentes em Timor, não poderei deixar de mencionar a exótica referência que Camões faz a este território: "Ali também Timor, que o lenho manda / Sândalo, salúífero e cheiroso". (X, 134). Uma presença exótica, sobretudo olfactiva.

Finalmente, na estrofe 144 do último canto do poema, a vitoriosa frota chega a Portugal, pelo que a acção se afasta, de uma vez por todas, do mundo exótico, dando lugar a um ambiente doméstico. O "cá" substitui o "lá" longínquo onde decorreu toda a acção.

Podemos então concluir que muitos dos tópicos de Os Lusíadas se relacionam com o exótico, sendo a sublimação da gesta marítima portuguesa conseguida através da descrição do perigo e da atracção dos novos mundos que se apresentam perante o olhar dos portugueses. A história do exotismo literário em Portugal passa obrigatoriamente por Os Lusíadas, pois nesta obra estão presentes muitos dos tópicos da "poética" do exótico. O quebrar de limites arrasta consigo mundos estranhos, apreendidos e digeridos pelos portugueses no século XVI, desde o rio Tejo ao Batro. A originalidade da representação do Outro em Os Lusíadas advém igualmente do facto de as suas personagens e ambientes serem apresentados quer através do ponto de vista europeu, quer da focalização nativa.

Os olhares cruzam-se, formando uma teia de estruturas mentais que é importante decodificar para melhor entendermos a acção da gente lusa no Oriente, acção esta que "ganha na poesia de Camões foros míticos".¹⁷ O Homem renascentista

torna-se a medida de todas as coisas saindo para fora de si mesmo, rumo à alteridade, elaborando uma panóplia de tratados que tentam analisar toda a diversidade e tipos de exotismo existentes, desde o linguístico ao filosófico.

O homo viator, ao descrever novas realidades, presta atenção, implícita e explicitamente, a determinados pormenores em detrimento de outros, pelo que será também necessário decodificar a retórica do silêncio do exotismo. O discurso exótico apresenta-se, deste modo, como uma ferramenta conceptual, auxiliar da interpretação de novos mundos que geram dúvidas, medos e ameaças perante os dogmas estabelecidos no Velho Continente. Os Lusíadas tornam-se, por excelência, espelho renascentista do Outro, onde se cruzam os mundos medieval e moderno. O exotismo, tal como todos os planos da epopeia, converge para o engrandecimento do Herói português, humanista e universal, que se distingue do plano humano, rasgando mares através dos quais parece subir a Grande Cadeia do Ser. O exotismo presente em Os Lusíadas torna-se, assim também, um exotismo humanista, espelho da diversidade universal.

NOTAS:

1 - Manuel Alegre, *Com Que Pena: Vinte Poemas para Camões*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

2 - Angelo Policiano afirma acerca das viagens marítimas portuguesas: "(...) Na verdade, que outra coisa nos fizestes vós, preclaro Príncipe, senão - "achar", não seria expressão adequada - trazer das trevas eternas e quase diria do antigo caos, para a luz que nos ilumina, outras terras, outro mar, outros mundos, e em cabo outros astros?". (Carta a D. João II (1491), traduzida do latim por A. Epifânio, in Teófilo Braga, *Poetas Palacianos*, Porto, 1871, p. 299 ss. *Apud* A. J. Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, vol. II, Porto, 1955, p. 530.

3 - Expressão de Hernâni Cidade.

4 - Luís de Camões, *Os Lusíadas*, actualização do texto e notas de Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, Porto, 1987. A respeito da descrição das diferentes etnias na epopeia veja-se José Garcia Domingues, "A concepção do mundo árabe-

islâmico n'Os *Lusíadas*", in *Garcia da Orta. Revista da Junta de Investigação do Ultramar*, edição comemorativa do IV centenário da publicação de "Os *Lusíadas*", Lisboa, 1972, pp. 201-226. Na mesma revista veja-se o artigo "A África Ocidental em Os *Lusíadas*", de Teixeira da Mota, pp. 381-392. Sobre o Oriente veja-se Armando Martins Janeiro, "O Oriente n' Os *Lusíadas*", Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1977, pp. 133-158.

5 - Cf. J. S. da Silva Dias, *Camões no Portugal de Quinhentos*, ICALP, Lisboa, 1981, p. 10.

6 - Cf. Rogério Puga, s. v. "Exotismo", in Carlos Ceia (dir.), *Dicionário de Termos Literários*, Editorial Verbo (no prelo).

7 - Como cobaia para testar territórios, a nau transportava um condenado para servir em casos de "sorte duvidosa" (II, 7). O exótico associa-se assim ao perigo que o desconhecido gera.

8 - Campos semânticos negativos do Outro: "o bárbaro Gentio" (I, 16); "gentes inumanas" (I, 60); "bruta gente" (I, 92; II, 29); "infiel e falsa gente" (II, 6); "pérfida, inimiga e falsa gente" (II, 30). Para um estudo mais aprofundado sobre influências e referências a culturas Outras na obra de Camões, veja-se: Emanuel Paulo Ramos, *Convergência de manifestações culturais indianas e greco-latinas na poesia de Camões*, Actas da IV Reunião Internacional de Camonistas, Ponta Delgada, 1984; Reis Brasil, "Camões e os povos do Oriente", *Separata de Estudos Castelo Branco: revista de História e Cultura*, nº 29, Castelo Branco, 1969.

9 - Também Álvaro Velho ao descrever a viagem de Gama associa e compara, quer por assemelhação quer por distanciação, elementos dos novos mundos a elementos-referentes do Velho Continente. "(...) e têm muitos cães, como os de Portugal, e assim mesmo ladram. As aves desta terra são assim mesmo como as de Portugal (...)". Cf. Álvaro Velho, *Relação da Viagem de Vasco da Gama*, introdução e notas de Luís de Albuquerque, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1989, p. 12.

10 - Vide, por exemplo, Pêro de Magalhães de Gândavo, *Tratado da Província do Brasil*, introdução, actualização do texto e notas de Emmanuel Pereira Filho, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1965, pp. 182-83 e Gabriel Soares de Sousa, *Notícia do Brasil*, comentário de Luís de Albuquerque, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 218.

11 - Em 1505, já Duarte Pacheco Pereira teorizara sobre a cor dos africanos em comparação com a dos índios brasileiros. Vide Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, introdução e notas de Damião Peres, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1954, 2º livro, cap. 11, p. 161.

12 - Vide sobre este tema os trabalhos da Professora Doutora Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Babel ou a ruptura do signo: A gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1984; *O estudo das línguas exóticas no século XVI*, ICALP, Lisboa, 1983.

13 - A expressão foi cunhada por Victor Segalen, *Essai sur l'Exotisme*, Le Livre de Poche, Paris, 1999, p. 41.

14 - Vide Marques da Cruz, *À mesa com Luís Vaz de Camões ou o romance da cozinha no Portugal das Descobertas*, Colares Editora, Sintra, 1998.

15 - O "selvagem" é, então, comparado a Polifemo, um dos obstáculos que Ulisses teve que enfrentar para regressar a Ítaca. A alteridade recém descoberta tem, assim, como referente de comparação elementos da Cultura Clássica.

16 - O gigante Adamastor, "ultrapassado" tal como Polifemo, será uma presença implícita no capítulo X, estrofe 141, quando os Gigantes da Patagónia, descritos por Fernão de Magalhães são referidos. Estes gigantes e elementos a si relacionados serviram também de influência a William Shakespeare (1564-1616) para escrever *The Tempest*. Vide o nosso estudo "Shakespeare e os Descobrimentos Portugueses", in *Revista de Estudos Anglo - Portugueses*, nº7, Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas da F. C. S. H. / Universidade Nova - F. C. T., Lisboa, 1998.

17 - Cf. Álvaro Manuel Machado, *O mito do Oriente na literatura portuguesa*, ICALP, Lisboa, 1983, p. 51.

